

PSICANÁLISE E RESIDÊNCIA NA RUA: SITUANDO LUGARES (IM)POSSÍVEIS

*Talita Alcântara Fontenele e Silva*⁸²

*Henrique Riedel Nunes*⁸³

RESUMO

Este trabalho surge a partir da experiência do projeto de extensão da residência integrada em saúde (RIS-ESP/CE) chamado “Residência na Rua: Saúde, Cultura e Arte”, em que residentes realizam abordagens noturnas junto à população de rua do centro de Fortaleza/CE. Tendo em vista a escassez de trabalhos psicanalíticos que abordem esta população, nos perguntamos quais as implicações da Psicanálise extramuros para o trabalho com a população em situação de rua. Através de revisão bibliográfica de textos psicanalíticos atrelada ao relato de experiência do projeto, buscamos elucidar os modos de atuação do psicanalista junto à população em situação de rua e através de experiências artísticas. Salientamos a psicanálise enquanto atuação baseada em uma ética que lhe é própria.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise Extramuros; População em Situação de Rua; Arte; Saúde Mental; Ética da Psicanálise.

¹ Especialista em Saúde Mental Coletiva na modalidade residência pela Escola de Saúde Pública do Ceará, Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará, residente na rua São Lázaro, 70, apto 703, Sagrada Família, Belo Horizonte/MG. E-mail: tahfontenele@gmail.com Tel.: (85) 997791211.

² Doutorando, Mestre e Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará, Professor do setor de Psicanálise e Psicopatologia do Centro Universitário UNINTA e Sobral/CE, residente na rua Anahid Andrade, 195, Centro, Sobral/CE. E-mail: henriquieriedel@gmail.com. Tel.: (85) 999731519.

INTRODUÇÃO

Em matéria veiculada por um jornal de grande circulação de Fortaleza, em agosto de 2017, aponta-se que, aproximadamente, 300 pessoas vivem em situação de rua na Praça do Ferreira, cartão postal do centro da cidade (Diário do Nordeste, 2017). Entre crianças e idosos, indivíduos em conflito com a lei e trabalhadores do mercado informal, gerações seguidas de famílias fazem da referida Praça seu local de dormida, lazer e fonte de renda. O significativo número de pessoas na Praça é alvo de críticas pela população em geral. Seja pelo incômodo causado pela miséria a céu aberto em um reconhecido centro comercial de Fortaleza, seja pela evidente deficiência do Estado em fornecer a garantia de direitos humanos básicos, é fato que aquelas pessoas ali residindo provocam um mal-estar aos que possuem teto.

A presente pesquisa, de alguma maneira, se situa neste contexto e é suscitada a partir de um projeto de extensão da Residência Integrada em Saúde da Escola de Saúde Pública do Ceará (RIS - ESP/CE) em parceria com a Secretaria de Cultura do Estado do Ceará (SECULT/CE) através do Cine Teatro São Luiz. Residência na Rua: Saúde, Cultura e Arte (RnR) é o nome do projeto que, desde setembro de 2016, leva residentes, em turnos diurnos e noturnos, à Praça do Ferreira, com foco em desenvolver um trabalho em saúde junto à população em situação de rua que ali se agrupa.

A participação no projeto, que conta como carga horária semanal na agenda dos residentes, se deu de forma voluntária, a partir de um processo seletivo em que o desejo pessoal foi um fator relevante para a inclusão. A partir de maio de 2017, a equipe de residentes é formada, coincidentemente, pela ênfase em Saúde Mental Coletiva do município de Fortaleza, sendo composta por uma enfermeira, uma assistente social e duas psicólogas. Além disso, as residentes são acompanhadas por uma equipe de tutores da RIS - ESP/CE que atuam como preceptores do projeto. Assim, conta com um educador popular em saúde e artista que realiza a preceptoria de campo e enfermeira, assistente social e psicóloga que realizam a preceptoria dos referidos núcleos profissionais. Além disso, a coordenadora da RIS - ESP/CE também participa do projeto realizando a tutoria de gestão do trabalho-formativo.

Como o próprio nome do projeto já aponta, as atividades desenvolvidas buscam articular saúde, arte e cultura. Seguindo os preceitos da Reforma Sanitária, da Reforma Psiquiátrica brasileira e da educação popular em saúde, acreditamos que não há saúde desvinculada de um contexto político e social e que a integralidade só é possível através de ações que busquem atuar em saúde para além de procedimentos técnicos e científicos (AMARANTE, 2011). Assim, a proposta inicial é promover saúde mental na Praça do Ferreira por meio de experiências artístico-culturais. A principal estratégia utilizada é a realização de um batuque em turnos noturnos, em que instrumentos musicais são disponibilizados para a população em situação de rua. Entretanto, a música não é a única experiência artística utilizada e valorizada e buscamos variar os formatos e propostas de atividades artísticas a cada semana.

É importante destacar que a equipe realiza uma abordagem pela não abordagem. Ao contrário das muitas doações e ofertas - de comida, de roupa, de religião, de palavras - fornecidas todas as noites na praça, a equipe do projeto Residência na Rua, não aborda diretamente à população ali presente. As atividades artísticas são colocadas em meio à vida que corre na praça, sem convite, e parte do interesse e curiosidade individual em participar, ou não, do que é proposto. Isso significa que o primeiro contato entre equipe de saúde e sujeito em situação de rua se dá através de alguma experiência artística e é a partir disso que é apresentado no que consiste o trabalho do projeto na praça.

Cabe também esclarecer aqui que não há uma concepção fechada sobre o trabalho que a equipe realiza na Praça do Ferreira. O projeto é considerado como um processo de aprendizagem e uma experiência inovadora e transformadora. Sendo assim, identificar e descobrir como se dá e o que é o trabalho - enquanto equipe e enquanto núcleo profissional - é um exercício de prática e reflexão diários. Além da não abordagem, temos um norte que consiste em reconhecer o papel do projeto enquanto articuladores da rede. Sabemos que o acesso da população em situação de rua aos serviços de saúde e cultura são precários e, muitas vezes, inviabilizados, por isso, há a tentativa de exercer a função de incluir esses sujeitos

na rede de cuidados existente no município conforme às suas necessidades e desejos.

Após realizar levantamento bibliográfico sobre a temática em bases de dados como SCIELO e LILACS, percebemos a escassez de publicações que abordem a problemática da situação de rua através de um enfoque psicanalítico. Mesmo dentro da psicologia em geral, podemos notar que a população em situação de rua é mais uma vez invisibilizada, até mesmo como objeto de pesquisa acadêmica. Identificamos, então, a relevância em se realizar, a partir da experiência de trabalho vivida, uma pesquisa que busque compreender aspectos essenciais do trabalho do psicanalista junto à população em situação de rua. Assim, a pergunta de partida que norteia o presente trabalho é: quais as implicações da Psicanálise extramuros para o trabalho com a população em situação de rua?

Nesta pesquisa realizamos uma revisão bibliográfica que, articulada ao relato de experiência do trabalho realizado no RnR, busque responder à nossa pergunta norteadora. Para tanto e seguindo nossa fundamentação psicanalítica, nos voltamos para textos chave das obras de Freud e Lacan. Assim, utilizamos os “Artigos sobre a Técnica de Freud” (1912, 1913, 1914, 1915) buscando esclarecimentos acerca dessa ética e desta possibilidade de atuação extramuros do psicanalista. Além disso, temos como referência algumas obras freudianas que tratam da relação indivíduo-sociedade, sendo elas: “Totem e Tabu” (1913), “Psicologia das Massas e Análise do Eu” (1921), “O Futuro de uma Ilusão” (1927), “O Mal-estar na Civilização” (1930) e a correspondência entre Freud e Einstein intitulada “Por que a Guerra?” (1933). Também estudamos dois seminários de Lacan, buscando aprofundar a discussão acerca da ética da psicanálise e sobre o discurso do psicanalista. Assim, temos o “Seminário 7 - A Ética da Psicanálise” (1959-60) e o “Seminário 17 - O Averso da Psicanálise” (1969-70). Além destes textos, buscamos a leitura de comentadores, dos quais destacamos de antemão o trabalho da psicanalista mineira Andréa Guerra e da paulista Miriam Debieux Rosa.

Salientamos que a presente pesquisa faz parte do processo de formação na RIS - ESP/CE e, portanto, foi realizada em paralelo com outras atividades da referida pós-graduação em serviço. A pesquisa foi realizada durante todo o período

de residência da autora, entretanto a sua atuação no referido projeto foi finalizada em agosto de 2018 e as reflexões aqui apresentadas se referem a esse período de atuação entre maio de 2017 e agosto de 2018.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar as implicações da psicanálise extramuros no trabalho com a população em situação de rua. Descrevemos, então, nosso percurso teórico-metodológico através de nossos objetivos específicos. Assim, iniciamos o trabalho situando de que forma podemos pensar acerca do conceito da psicanálise extramuros, objetivando descrever como se dá a atuação de uma psicanálise extramuros. Buscaremos, então, descrever como se dá a atuação da psicanálise fora de *settings* tradicionais. Posteriormente, enfocaremos nosso público alvo e objetivamos descrever, a partir de uma perspectiva psicanalítica lacaniana, como podemos compreender a situação de rua e o que ela representa em nossa sociedade contemporânea. Por fim, traremos mais propriamente o relato de experiência do projeto RnR, buscando articular o que foi estudado anteriormente e, assim, analisar a atuação de uma psicanálise extramuros junto à população em situação de rua da Praça do Ferreira.

PSICANÁLISE EXTRAMUROS: O CONSULTÓRIO VAI PARA RUA

Sabemos que a psicanálise foi criada por Freud a partir de sua experiência clínica, é através da escuta das históricas que são descobertos os conceitos psicanalíticos. Freud, entretanto, já nos aponta que não é possível pensarmos a psicanálise se insistirmos em uma divisão entre indivíduo-sociedade, pois o sujeito só pode se dar a partir do social.

O contraste entre a psicologia individual e a psicologia social ou de grupo, que à primeira vista pode parecer pleno de significação, perde grande parte de sua nitidez quando examinado mais de perto. (...) Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social (FREUD, 1921, p. 91).

É essencial compreendermos que, em Psicanálise, não há sujeito sem o Outro. A constituição psíquica só é possível a partir de outros que se colocam na

relação com o eu e com o sujeito. Seguindo as elaborações lacanianas, sabemos que o eu não corresponde necessariamente ao sujeito e que, dessa forma, há a relação com um pequeno outro, que se dá numa dimensão imaginária⁸⁴, e com um grande Outro, numa relação mediada pelo simbólico⁸⁵. Dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, como nos diz Lacan, significa também dizer que ele nos é fornecido a partir do discurso do Outro, ou seja, o Outro precede o sujeito, é anterior a ele. É através do discurso do Outro que o sujeito pode ser inserido na ordem simbólica, uma ordem que o precede e permite que se situe nas relações sociais (LACAN, 1953-54; QUINET, 2012).

A proposta de pesquisar a partir do trabalho realizado no projeto RnR é um desafio, pois não é um trabalho realizado através do *setting* psicanalítico tradicional. Este *setting* envolve horários agendados, a busca do paciente pelo psicanalista em seu consultório, um espaço fechado e reservado, com tempo e valores pré-determinados e a utilização de recursos como o divã (FREUD, 1912). Descrevemos, entretanto, que não é isso o que ocorre na Praça do Ferreira. Por isso mesmo, buscamos pesquisar através do conceito de psicanálise extramuros, na tentativa de compreender as possibilidades de pesquisa e atuação em psicanálise fora do *setting* tradicional. Segundo Rosa (2004), a psicanálise extramuros configura-se como uma abordagem das problemáticas psicanalíticas através de sua ética que lhe é particular e envolve o sujeito em seus fenômenos sociais e políticos. O conceito de psicanálise extramuros nos auxilia, então, a abordar a questão do atendimento em novos contextos, buscando identificar o dispositivo analítico que é atuante seja intra ou extra muros.

3 Lacan teoriza acerca dos três registros psíquicos, a saber: real, simbólico e imaginário e é através dessas ordens que se organiza a relação com a realidade e com o laço social. O imaginário é o registro da imagem especular. Lacan (1949) descreve a constituição do imaginário quando discorre sobre o estádio do espelho. O bebê, de início, é apenas uma massa disforme de sensações. É através de seu reflexo num espelho que este poderá começar a delimitar a imagem do seu corpo. Entretanto, esta imagem não corresponde ao seu eu, mas a um outro.

4 O registro psíquico do simbólico compreende o que se passa no campo da linguagem em sua relação com o duplo sentido. Assim, é ele que permite uma dialetização em uma lógica em que um significante é sempre remetido a outro significante. Este registro delimita o lugar do sujeito e do Outro através do reconhecimento de uma lei simbólica que, em última análise, é sempre a lei de proibição do incesto. O simbólico é a instância psíquica que se refere aos discursos que situam o sujeito numa história e numa linhagem (LEADER, 2013).

O próprio Freud, em seus artigos sobre a técnica (1912, 1913, 1914, 1915), já nos apresenta vários aspectos que considera relevantes para a técnica psicanalítica. Aborda a questão da resistência do analista, do pagamento, da associação livre e de sua contrapartida na atenção flutuante do analista, e das dificuldades no manejo transferencial. Deixa claro, entretanto, que apresenta recomendações - e não regras fixas - salientando a dimensão do caso a caso no tratamento psicanalítico.

Penso estar sendo prudente, contudo, em chamar estas regras de 'recomendações' e não reivindicar qualquer aceitação incondicional para elas. A extraordinária diversidade das constelações psíquicas envolvidas, a plasticidade de todos os processos mentais e a riqueza dos fatores determinantes opõem-se a qualquer mecanização da técnica (FREUD, 1913, p. 164).

Com Lacan compreendemos que o que caracteriza o modo de atuação do psicanalista é uma ética que lhe é própria: ética do desejo, por ser uma ética que considera o inconsciente e coloca em destaque um sujeito que é sempre dividido (LACAN, 1959-60). O que faz um psicanalista é o seu discurso, onde não se coloca no lugar de mestria, de quem detém um saber sobre aquele que lhe procura, mas de resto de onde um sujeito possa advir.

Em se tratando da posição dita do analista - nos casos, aliás, improváveis, pois haverá mesmo um analista?, quem pode saber?, mas teoricamente podemos postulá-lo -, é o próprio objeto a que vem no lugar do mandamento. É como idêntico ao objeto a, quer dizer, a isso que se apresenta ao sujeito como a causa do desejo, que o analista se oferece como ponto de mira para essa operação insensata, uma psicanálise, na medida em que ela envereda pelos rastros do desejo de saber (LACAN, 1969-70, p. 99).

O analista, através de sua escuta, se coloca como causa de desejo para que uma fala que implique o sujeito em seu sintoma possa aparecer. O que faz um psicanalista é o discurso que tem seu sujeito no lugar do Outro, na medida em que este seja um discurso que não se propõe a dominar ou educar aquele que o procura. Salientamos isso, pois, enquanto discurso, o que faz um psicanalista não é sua formação profissional ou títulos acadêmicos, mas a forma como se coloca na

relação. Além disso, o risco de se cair num discurso de mestria, que supõe um bem para o sujeito, está sempre presente no dia a dia do trabalho realizado.

É exatamente esta a dificuldade daquele que tento aproximar tanto quanto posso do discurso do analista - ele deve se encontrar no pólo oposto a toda vontade, pelo menos confessada, de dominar. Disse *pelo menos confessada* não porque tenha que dissimulá-la mas porque, afinal, é sempre fácil voltar a escorregar para o discurso da dominação, da mestria (LACAN, 1969-70, p. 65-66).

Assim, podemos compreender que o *setting* composto por uma sala reservada e um divã, são formas construídas pela psicanálise buscando propiciar a associação livre e esse espaço de escuta. Entretanto, não é isso o que faz um psicanalista e, mais ainda, não é isso que garante uma análise. Como nos diz Lacan (1969-70), o que faz o psicanalista é esta aposta de que o que for produção do sujeito, é válido:

Entretamos, apontemos que na estrutura chamada de discurso do analista este último, vejam bem, diz ao sujeito: - Vamos lá, diga tudo o que lhe passar pela cabeça, por mais dividido que seja, por mais que isso manifestamente demonstre que ou bem você não pensa, ou bem não é absolutamente nada, isso pode funcionar, o que você produzir será válido (LACAN, 1969-70, p. 100).

O psicanalista, então, é aquele que reconhece e sustenta a singularidade existente em cada sujeito e, assim, permite que cada um possa se deslocar em relação às suas próprias repetições e passe a repetir de um modo diferente.

O ESTRANHO LUGAR DE ESTAR NA RUA

Além do que já foi exposto acima acerca da escassez de trabalhos que abordem a temática da situação de rua, destacamos a relevância clínica e política da presente pesquisa. Consideramos essencial, tanto para o psicanalista, quanto para o trabalhador do SUS, se envolver e refletir sobre situações humanas de extrema vulnerabilidade. Percebemos que a condição da situação de rua, além de vulnerabilidade, envolve um processo violento de invisibilização e exclusão. Para as pessoas em situação de rua, muitas vezes o único modo de inclusão social se dá através da exclusão (PAGOT, 2012; ROSA *et al*, 2009). Se torna premente,

portanto, analisar, a partir de uma perspectiva psicanalítica, como podemos compreender esse caráter excludente da situação de rua. Seguindo a perspectiva psicanalítica do caso a caso, podemos apenas analisar o que se produz socialmente acerca desta vivência, já que cada experiência subjetiva em relação à esta exclusão será sempre singular (GUERRA, 2001).

São muitos os caminhos que levam os sujeitos à situação de rua. Em geral, a condição está associada à múltiplas rupturas com o laço social posto em nossa sociedade. Conflitos familiares, dificuldades de inserção no mercado de trabalho, problemáticas nas relações interpessoais costumam ser relatos comuns. Mas, para além disso, nos questionamos sobre a dimensão do desejo em estar na rua e fazer do espaço público seu lugar de morada. Compreendemos que o contexto social é de extrema relevância, não obstante, a psicanálise nos ensina que há sempre uma dimensão de escolha do sujeito enredado em suas relações sociais.

Vivemos em uma sociedade capitalista em que o acesso aos bens de consumo e à propriedade privada definem as possibilidades de cidadania dos indivíduos. Nesse contexto, a situação de rua é vista - e muitas vezes vivida - como um resto dessa sociedade. Os moradores de rua são aqueles que não se encaixam, não cabem, não se conformam à essa organização social (PAGOT, 2012). A própria mitologia cristã, quando pretende afirmar que deus aparece em qualquer pessoa, costuma colocar a figura do morador de rua representando o que seria essa alteridade mais drástica possível.

A situação de rua, portanto, representa uma alteridade radical. E, por isso mesmo, evoca muitos sentimentos e reações ambíguos. Há um temor que rodeia essas pessoas, em geral o morador de rua é visto como marginal, possível infrator, como alguém que representa o risco de cometer um furto a todo instante. Quem possui acesso aos bens de consumo, teme que quem não possui, vá buscá-los sob a forma de violência. Além disso, há a postura de invisibilização, os que não querem ver, lidar, saber das pessoas em situação de rua. A extrema vulnerabilidade gera sofrimento para quem a vê. Existem também as ações de caridade, tentativas de diminuir esse sofrimento enxergado, de restituir algo que se supõe que falta a esses indivíduos.

Freud (1919), em seu texto sobre “O Estranho”, nos fala sobre essa palavra em alemão *‘unheimlich’*. Apesar das dificuldades de tradução, ela pode ser entendida como algo sinistro, assustador, inquietante, mas também como aquilo que é oposto ao familiar, ao doméstico, ao caseiro. Ao mesmo tempo que significa isso, *unheimlich* também possui significados que se confundem com seu antônimo, *heimlich*, ao falar sobre algo que é íntimo e, por isso mesmo, de dentro do seio familiar. Segundo Hanns (1996, p. 231):

O ponto de “torção” em que heimlich passa de ‘familiar e conhecido’, para ‘inquietante e estranho’ ocorre no sentido b: aquilo que é ‘secreto e oculto’ pode ser ‘familiar, íntimo e recôndito’ para aquele que participa do segredo (pois acontece entre quatro paredes, no “lar” = heim). Por outro lado, o ‘secreto e oculto’ pode ser sentido como ‘escondido, furtivo e estranho’ na avaliação dos outros excluídos.

A partir deste termo tão ambivalente, Freud nos apresenta que o estranhamento advém justamente daquilo que nos é familiar, porém que foi recalcado. A dimensão de temor relacionada se dá exatamente porque o estranho nos apresenta algo de nós mesmos que está oculto. Nas palavras de Freud (1919, p. 277): “Direi, de imediato, que ambos os rumos conduzem ao mesmo resultado: o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar”.

Traçamos assim um paralelo com o que a situação de rua nos apresenta em nossa sociedade contemporânea. A própria etimologia da palavra nos mostra que *heim* pode significar lar, casa (HANNS, 1996), e que este estranhamento se relaciona com tudo aquilo que se mostra ambíguo quanto ao fazer parte ou não dessa dimensão. A situação de rua, então, pode ser entendida como causando este estranho. As reações diversas com que se trata a situação de rua se dão justamente por ela expor algo de um furo constitutivo. O capitalismo assimila a lógica pulsional e nos demanda a tamponar essa falta a todo momento para não termos que nos ter com ela. A situação de rua demonstra também que há um furo nesta própria lógica, que há um resto, algo que sobra nessa lógica de produção desenfreada, algo que não se faz todo, algo que não partilha da felicidade e da completude prometidas pelo capital. Esse algo nos coloca, a todos, justamente a questão de se essa partilha

é possível, afinal, essa completude é sempre uma ilusão, impossível de ser vivida por qualquer um, seja na rua ou no lar (ROSA; CARIGNATO; BERTA, 2006).

A partir desse estranho familiar, podemos também perceber que muitas pessoas se colocam em posição de mestria em relação aos moradores de rua. Especialmente no que concerne à postura de realizar caridade através de doações, vemos que há uma suposição de que se sabe o que falta a quem está na rua. A situação de rua demonstra uma falta escancarada em muitos aspectos e, então, a caridade aparece como forma de suprir essas faltas. Muitas vezes, talvez, numa tentativa de fazer frente a faltas que são, na verdade, de quem doa.

Durante os atendimentos realizados no RnR, ouvimos diversos relatos de moradores da Praça do Ferreira que deixavam claro como os doadores, muitas vezes, não suportam que haja um desejo por quem recebe a doação. O indivíduo que recebe a doação é colocado como objeto e obrigado a se colocar numa postura que seja apenas de agradecimento e humildade, fazendo com a doação o que se espera que seja feito. Ao ganhar uma cadeira, o indivíduo deve fazer uso dela apenas se sentando e de nenhuma outra maneira que não esteja prescrita, sob o risco de ter sua cadeira tomada pelo doador. Quem faz a doação não suporta que algo de uma alteridade se manifeste a partir do que foi doado, o objetivo é tamponar a falta que foi pressuposta e apenas ela.

Lacan (1969-70), no seminário 17, nos apresenta sua teoria dos discursos, posições que formam a trama social, em que descreve sobre o discurso do analista, avesso ao discurso do mestre. Quinet (2010), utilizando-se das elaborações de Lacan, explica que os discursos são constituídos como laços sociais. Os discursos são as formas de tratamento do gozo pelo simbólico. Isso quer dizer que os discursos são o que nos permite lidar com o Outro. Lacan nomeou quatro formas de discurso: o do mestre, o do universitário, o da histérica e o do analista. A cada um destes correspondem formas das pessoas se relacionarem entre si, ou seja, através dos atos de governar, educar, fazer desejar e psicanalisar. Lacan (1969-70) nos mostra, então, que o avesso da psicanálise seria justamente o discurso do mestre e nos diz que:

O que sobra é exatamente, com efeito, a essência do senhor - a saber, o fato de que ele não sabe o que quer. Eis o que constitui a verdadeira estrutura do discurso do senhor. O escravo sabe muitas coisas, mas o que sabe muito mais ainda é o que o senhor quer, mesmo que este não o saiba, o que é o caso mais comum, pois sem isto ele não seria um senhor. O escravo sabe, e é isto sua função de escravo. É também por isto que a coisa funciona, porque, de qualquer maneira, funcionou durante muito tempo (LACAN, 1969-70, p. 30).

A psicanálise, portanto, seria o avesso desse discurso que não permite a alteridade e não reconhece o saber no outro. A partir da psicanálise podemos pensar, então, um outro olhar para a situação de rua, um olhar que reconheça os indivíduos nesta situação como sujeitos de desejo. Reconhecendo, inclusive, que a rua pode ser vivida como espaço de proteção e abundância para alguns sujeitos. A psicanálise subverte a lógica capitalista de produção justamente porque não faz promessas de fornecer um Bem ou uma Felicidade. Como já apontamos anteriormente, a psicanálise apenas abre espaço para a escuta e tudo que possa advir a partir disso (MAIA; PINHEIRO, 2011).

Assim, lançamos a hipótese de que o trabalho realizado através das intervenções artísticas do RnR permite um deslocamento dos sujeitos residentes na Praça do Ferreira, tanto a nível individual e clínico, como social e politicamente. Concordamos com Guerra e Martins (2013) que dizem que:

Valendo-nos de um recurso topológico, a faixa de Moebius, partimos da premissa de que a dimensão política e a dimensão inconsciente são os dois lados correlativos de uma mesma lógica de agenciamento do funcionamento do sujeito no laço social. Nesse sentido, uma intervenção que opere mudança em um plano acarretaria mudança no outro, favorecendo a consolidação de novas posições, diferentes daquelas atreladas à predicação que o crime engendra. Em outros termos, supomos que intervir no campo político afeta o sujeito, assim como intervir no plano inconsciente afeta o morador da *polis* (GUERRA E MARTINS, 2013, p 93).

Através da oferta silenciosa de participação em atividades artístico-culturais nos colocamos em uma posição que não pretende certezas acerca das necessidades e desejos daqueles indivíduos. Promovemos saúde mental por meio da lógica de que a demanda não pode ser criada por um outro, mas deve advir do próprio sujeito.

Há um sujeito, esta é a aposta psicanalítica. E, na atual fase da acumulação capitalista, em que se intensifica o tempo de produção de objetos como mercadorias, ordena-se que o sujeito também se faça coisa e seja negado em sua condição desejante para o 'bom' funcionamento da ordem econômico-social e política. É nessa dimensão que a escuta psicanalítica pode contribuir para emergência de um sujeito que se separa dessa ordenação, para comparecer como quem questiona essa ordem e se movimenta criando ações de transformação; nessa dimensão, é reconhecendo-se como falta-a-ser que a alteridade, a diferença, não é significada como ameaça, mas como encontro, com o qual se faz o novo (ROSA; POLI, 2009, p. 10).

A experiência na Praça do Ferreira demonstra que, a partir das experiências artísticas, se abre espaço para a escuta e atuação do psicanalista. Mesmo a Praça sendo o espaço público por excelência, as relações se dão de tal forma que há espaço suficiente para que a fala sobre o que é íntimo ocorra e se desenvolva.

RESIDÊNCIA NA RUA: ABRIGO DA ARTE E DO DESEJO

Como já apresentado, a atuação da autora no projeto Residência na Rua se deu no período entre maio de 2017 e agosto de 2018. Neste período, a agenda do projeto se centrava em turnos noturnos, uma vez por semana, em que atividades artísticas eram propostas na Praça do Ferreira. A partir desses momentos, onde era iniciado o vínculo com os sujeitos atendidos, organizavam-se turnos diurnos em que buscávamos articular a inserção desses indivíduos nas redes de atenção sócio assistencial. Além disso, era priorizado a existência de espaços de reflexão e cuidado da equipe, tendo em vista a singularidade do trabalho realizado.

Na maioria dos turnos noturnos, era realizado um batuque, facilitado pelo tutor e preceptor de campo do RnR. Desde o início do projeto, a proposta desse batuque é colocar os instrumentos musicais a disposição da população que se agrupa na praça. Os profissionais participam deste momento de música, cada um a seu modo, mediando as relações do grupo e garantindo sua continuidade sempre que possível.

A Praça do Ferreira é conhecida entre a população em situação de rua de Fortaleza como "Mãe Ferreira" devido ao grande número de doações que recebe diariamente. A partir das atividades artísticas éramos, então, abordados pelas pessoas que, em geral, questionavam que tipo de doação estávamos fazendo ali.

Respondíamos que somos profissionais da área da saúde e que não estávamos ali com o intuito de levar doações de roupas, comida ou dinheiro. Era comum que a partir disso, ainda surgisse a pergunta se tínhamos remédios para doar. Ao explicar que também não era este nosso propósito ali, víamos a inquietação dessas pessoas, uma certa dificuldade de compreender nossa atuação.

Aliás, nossa atuação era uma questão para a própria equipe. Especialmente as profissionais psicólogas desde o início apresentaram muitos questionamentos sobre o papel na praça e de que modo poderiam atuar. O presente trabalho surge dessas perguntas e incômodos, buscando analisar, através da psicanálise, como poderíamos pensar uma linha clínico-institucional para o projeto. Salientamos a questão da psicologia neste espaço pois, a princípio, o papel dos outros profissionais se deu de forma mais objetiva. A orientação acerca de curativos, inflamações de pele e até mesmo sobre planejamento familiar eram recorrentes entre os enfermeiros. Já os assistentes sociais se viam cercados de demandas acerca de acesso à documentação e inserção no mercado profissional, sendo capazes de responder às dúvidas e fornecer encaminhamentos. E o psicólogo? O que poderia um psicólogo oferecer em um contexto de tantas necessidades? Uma escuta radical, essa foi a resposta que encontramos em nossa prática.

Após algum tempo de atuação, passei a responder que estava ali oferecendo uma escuta, que este era o meu trabalho: escutar quem quiser falar algo - e isso surtiu efeitos. Em geral, as pessoas começavam a falar sobre sofrimentos diversos, em sua maioria relacionais. As dificuldades em se conformar no seu seio familiar, os motivos que os levaram à situação de rua, os diagnósticos psiquiátricos que já haviam recebido, dentre tantas outras questões. Buscava oferecer um espaço minimamente mais reservado, apontando para algum banco da praça em que houvesse menos pessoas ao redor e um pouco mais afastado do local em que se realizava a atividade artística proposta. Outras vezes, era a própria arte que permitia

que o indivíduo se expressasse e a escuta iniciava a partir disso. Outras vezes ainda, era convidada a ir para o apartamento⁸⁶ das pessoas.

Apesar de algumas vezes esta escuta resultar em algum encaminhamento para a rede formal de cuidados - como um CAPS ou um CentroPop - em geral, a escuta oferecida não estabelecia esse intuito a princípio. Devido ao tempo de atuação, em alguns poucos casos, pude realizar um acompanhamento mais próximo em que semana após semana o sujeito buscava seu espaço de escuta. Isso é interessante pois notamos que a própria temporalidade da situação de rua se dá de um modo diferente. A não delimitação entre o que é casa e o que é rua, acaba por gerar uma relação com o tempo muito singular para cada um dos indivíduos. Percebemos com frequência que agendar horários determinados por nós para realizar encaminhamentos, acabavam por ser formas infrutíferas, em que os sujeitos não conseguiam comparecer. O conceito de 'amanhã' costuma ser melhor apreendido do que 'tal dia, tal hora', para pessoas em que cada dia precisa ser construído de um modo singular para garantir sua existência. Isso levou o projeto a discutir de que maneira poderíamos trabalhar num tempo lógico, de forma que essa fosse uma dimensão em que também seguíamos os passos trilhados pelos sujeitos atendidos.

Tanto a forma como as atividades artísticas eram colocadas - abordagem pela não abordagem -, como a escuta realizada tinham em comum o fato de não buscarem criar uma demanda para atuar a partir disso. A potência da arte e da escuta é colocada como possibilidade, faz uso delas quem e como quiser. Diferente de diversos serviços existentes na rede, o objetivo de se propor experiências artísticas não era o de ensinar arte ou formar artistas, mas de vivenciar aquela experiência e criar condições de possibilidade a partir disso. Assim como a arte que é colocada no RnR, Freud (1913, p. 172) sobre a posição do psicanalista, inclusive, já nos aponta que: "O analista é certamente capaz de fazer muito, mas não pode determinar de antemão exatamente quais os resultados que produzirá. Ele coloca

⁵ Apartamento é a forma como as pessoas em situação de rua da Praça do Ferreira costumam se referir ao local onde organizam seu local de dormida, com seu papelão e alguns pertences. Em geral, essa estrutura é montada todas as noites no mesmo local e desfeita no início do dia.

em movimento um processo, o processo de solucionamento das repressões existentes”.

Freud é conhecido por ser um grande admirador das artes em geral e se utilizou de várias obras para falar sobre conceitos psicanalíticos. Ele nos aponta, desde muito cedo em suas formulações, que a arte é uma via de acesso ao inconsciente. A psicanálise, em muitos momentos, se distancia de outras ciências e se aproxima da arte, justamente por esse interesse no inconsciente (FREUD, 1907). Como já abordamos, a situação de rua possui algo de inapreensível, algo que nos aponta para uma falta constitutiva ou, como diria Lacan, algo da dimensão do Real⁶⁷. Tanto a arte como a psicanálise, permitem uma articulação do simbólico com o real, uma apreensão do real pelo simbólico. É assim que a ética da psicanálise e a estética da arte se aproximam, pois convocam o sujeito a se colocar na cena e permitem que se faça borda ao furo do real (ROSA; POLI, 2009; TAVARES; HASHIMOTO, 2016).

A própria invisibilidade em que a situação de rua costuma ser colocada (inclusive por serviços e profissionais de saúde) também se relaciona com um indizível sobre esse modo de estar no mundo. Mesmo os longos relatos sobre os caminhos que levam os sujeitos a viverem na rua, não conseguem abarcar algo da quebra do laço social, da ruptura que foi efetuada. O espaço de escuta e a oferta para se produzir através da arte permitem que o sujeito fale de si e, mais do que isso, que também possa se escutar. A turma anterior do RnR, por exemplo, realizou um projeto de fotografias que dispararam questões interessantes ao possibilitar que os sujeitos se vissem impressos nas imagens tiradas por outra pessoa.

Percebemos também, na atuação no RnR, como as relações desses sujeitos costumam se dar por uma via imaginária em que as situações de apaixonamento/rivalidade são exacerbadas e não há mediação de um terceiro que barre esse excesso vindo do Outro. Os conflitos costumam ser frequentes, assim

⁶ A instância psíquica do real não se confunde necessariamente com a percepção da realidade. Segundo Lacan, o real é o que não cessa de não se inscrever. É o que não pode ser simbolizado e, por isso, insiste, é o impossível. Segundo Leader (2013, p. 37), “o real é a vida libidinal do corpo, os estados de excitação mórbida e de excitação sexual que nos assaltam”. Tudo que se coloca como inapreensível pela concepção humana se refere ao registro do real. Assim, a castração, a morte e a diferença sexual são concernentes ao real.

como afirmações sobre quem os ajudou ou não a enfrentar as vicissitudes da rua. Esses conflitos são reencenados, inclusive, na relação com nossa equipe, reforçando as questões transferenciais e a necessidade de se pensar em formas de se manejar esse modo imaginário de relação. Assim, concordamos com Guerra e Martins (2013, p. 103) que nos colocam que:

A questão central, para a metodologia em discussão, é como encontrar vias de desvio da pulsão de morte, quando ela se encontra exacerbada na experiência do sujeito com a alteridade. Daí a ideia central de oferta de outras possibilidades de manifestação do ato, através do ato criativo, que impulsiona o corpo em outra direção que não a morte, por um lado. E, por outro, a apresentação de um novo campo de identificações através do qual o sujeito pode se escrever na cena política local, valendo-se de novas insígnias e ganhando visibilidade sem o uso da ameaça e da força bruta letal.

Ainda no que concerne à lógica de doações da praça e a abordagem pela não abordagem - como forma de se opor à esta lógica -, entendemos que a arte para pessoas em situação de extrema vulnerabilidade não precisa ter como fim predeterminado diminuir ou acabar com essa vulnerabilidade. Muito embora, de algum modo, a prática nos demonstre que a arte acaba por sempre fazer isso, na medida mesmo em que permite que outras relações simbólicas se estabeleçam. No mínimo, a arte permite que o sujeito possa se colocar de um Outro modo diante à sua vulnerabilidade (GUERRA; MARTINS, 2013). Assim, após algum tempo de atuação, passamos a ouvir relatos de pessoas que priorizavam participar das atividades artísticas e seguir com a escuta do que ir para a fila do estouro⁸⁸.

Freud, em diversos textos, nos apresenta que a civilização é uma saída para as intempéries da natureza e que as sociedades se organizam de forma a mediar o próprio laço social que as constrói. Assim, também pontua que a arte propicia essa inserção na civilização.

Um tipo diferente de satisfação é concedido aos participantes de uma unidade cultural pela arte, embora, via de regra, ela permaneça inacessível às massas, que se acham empenhadas num trabalho exaustivo, além de

⁷ Estouro é como os moradores da Praça do Ferreira se referem à chegada de doações de comida. É comum ouvir gritos de “estourou”, avisando que há doação acontecendo e que os interessados devem se dirigir à fila para pegar sua alimentação.

não terem desfrutado de qualquer educação pessoal. Como já descobrimos há muito tempo, a arte oferece satisfações substitutivas para as mais antigas e mais profundamente sentidas renúncias culturais e, por esse motivo, ela serve, como nenhuma outra coisa, para reconciliar o homem com os sacrifícios que tem de fazer em benefício da civilização. Por outro lado, as criações da arte elevam seus sentimentos de identificação, de que toda unidade cultural carece tanto, proporcionando uma ocasião para a partilha de experiências emocionais altamente valorizadas (FREUD, 1927, p. 25).

Ao contrário das doações ofertadas que oferecem uma inclusão social a partir da premissa de que essas pessoas necessitam permanecer excluídas - para que continuem recebendo doações - a arte possibilita a criação de autonomia dos indivíduos, fazendo com que se coloquem num lugar de sujeito. Assim, entendemos que o trabalho realizado pelo RnR realiza uma subversão na ordem vigente na praça, na medida em que apresenta uma outra forma de laço social, pautado num discurso que não seja de mestria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já vimos, pensar uma atuação psicanalítica extramuros é possível pois a própria psicanálise se baseia numa ética, e não numa técnica. O analista é um lugar ocupado por um agente que se coloca num lugar de sustentar um não-saber, procurando trazer à tona a falta que é constitutiva aos sujeitos. Este lugar do analista é o único que permite que os sujeitos construam os significantes da sua própria história. Ao contrário do mestre, que pressupõe um saber sobre a falta do outro e tenta tamponar tal falta. Esta é a ética do analista, uma ética que sustente este discurso em que há espaço para que o sujeito e seu desejo apareçam em cena (LACAN, 1959-60; 1969-70; MAIA; PINHEIRO, 2011).

Assim, podemos compreender que o que faz operar o discurso do analista não são as técnicas do *setting* tradicional, mas a sustentação desse lugar avesso ao de mestria. Entendemos também que o discurso do analista não é específico de um núcleo profissional - como se poderia pensar devido ao grande número de psicanalistas que também são psicólogos. Inclusive, a posição do analista não é exclusiva, nem garantida por uma formação em psicanálise. Como Lacan (1969-70) bem nos aponta, transitamos pelos discursos, afinal os discursos são formas de se

colocar nas relações humanas e essas relações não são posições estáticas.

Dessa forma, consideramos ainda mais relevante refletir acerca da abordagem pela não abordagem realizada no RnR a partir de uma escuta psicanalítica que permita uma supervisão do projeto como um todo levando em conta este entendimento de que a ética psicanalítica trata de uma forma de se colocar nas relações com o outro. A equipe do RnR busca realizar uma escuta radical dos indivíduos acompanhados, o que os leva a colocar-se em uma posição de sujeito - e não de assujeitamento. É a partir das atividades artísticas que o vínculo é construído e aberto o espaço para que a fala possa advir e, daí, algo da dimensão inconsciente. Ao se deparar com situações de extrema pobreza e falta de recursos (sociais, afetivos, financeiros), muitos serviços acabam por se colocar em uma posição de mestria em que pressupõem o que falta a essas pessoas e, muitas vezes, ofertam cuidados previamente determinados.

Outro ponto que buscamos avançar na reflexão foi na questão do lugar da situação de rua enquanto exclusão radical da sociedade. Em tempos como os vivenciados com as últimas eleições, vemos o crescimento de um ódio - e violência - a qualquer sinal de alteridade. As tentativas de suprimir as diferenças em busca de uma unidade de um grupo imaginário são cada vez mais intensas e frequentes e a população em situação de rua não escapa disso.

Através da psicanálise, podemos compreender a situação de rua como cena que encarna uma quebra com o laço social capitalista que nos está posto. Enxergamos a pessoa em situação de rua como símbolo de um fracasso em sustentar relações sociais de família e trabalho, fracasso esse que também é nosso pois nenhuma relação é toda. Consideramos pertinentes os apontamentos de Rosa e Poli (2009, p. 8) sobre o que Agamben coloca sobre os refugiados muçulmanos e acreditamos que também podem se aplicar à situação de rua:

Agamben traz uma série de observações interessantes, uma das quais gostaríamos de destacar: 'o muçulmano é evitado no campo porque todos se reconhecem em seu rosto abolido' (p. 53). É um importante paradoxo esse retirar-se da identificação com o semelhante e assim tocar no solo comum, no ponto de identificação máxima, de objeto-resto, que situa – como indica Agamben – aquele que é impossível de olhar, mas que não se pode não ver, que perfaz uma imagem absoluta, 'imagem tabu'.

Em face do estranhamento causado pela situação de rua, vemos uma tentativa de suprimir este lugar que nos coloca diante de uma falta constitutiva e busca-se dominar o morador de rua através do medo, da violência, da invisibilização e até mesmo da caridade. Como já relatado, percebemos esta posição como um risco sempre iminente quando se trata de oferecer cuidado em saúde à esta população. Se colocar em posição de escuta de sujeitos que vivem condições de pobreza tão extrema é um desafio diário que nos coloca frente a frente com nossa própria dimensão de sujeito faltoso e, por isso mesmo, desejan-te.

Tendo em vista o exposto, pontuamos a relevância em se vivenciar esta experiência de trabalho na rua e através da arte por dentro de um processo formativo multidisciplinar e imersivo como é a residência em saúde mental coletiva. O espaço de formação em serviço nos permite o lugar de questionar o trabalho realizado e abre espaço para que pesquisas como essa surjam, deste lugar em que não se pretende necessariamente formular respostas, mas gerar questões. A invisibilidade da situação de rua em publicações psicanalíticas, de algum modo, nos convocou a tentar apontar algo deste estranhamento que há nessa condição e que já é tão trabalhado pela psicanálise em outros cenários.

Consideramos, então, que a atuação da psicanálise extramuros em um trabalho junto à população em situação de rua implica em uma sustentação de uma posição que é ética e, por isso mesmo, também política. A escuta radical, enquanto principal ferramenta do RnR, coloca essas pessoas que dormem na rua em posição de sujeito e, através das experiências artísticas, possibilita que outras cenas possam se construir na Praça do Ferreira. Em tempos de conservadorismo e autoritarismo, promover arte para pessoas tratadas como marginais, como resto da sociedade, é realizar uma subversão e expor, em meio às muitas doações, que há desejo ali. A aposta da psicanálise e da arte, afinal, coincidem nisso, há subjetividade e há formas de se falar sobre isso.

REFERÊNCIAS:

- AMARANTE, Paulo. *Saúde mental e atenção psicossocial*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.
- FREUD, Sigmund. *Delírios e sonhos na 'Gradiva' de Jensen (1907)*. In: _____. 'Gradiva' de Jensen e outros trabalhos. v. 9. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (1912)*. In: _____. O caso de Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. *Sobre o início do tratamento (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I) (1913)*. In: _____. O caso de Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. *Recordar, repetir e elaborar (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II) (1914)*. In: _____. O caso de Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. *Observações sobre o amor transferencial (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III) (1915)*. In: _____. O caso de Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. *Totem e tabu (1913)*. In: _____. Totem e tabu e outros trabalhos. v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. *O 'Estranho' (1919)*. In: _____. História de uma neurose infantil e outros trabalhos. v. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. *Psicologia de grupo e a análise do ego (1921)*. In: _____. Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. *O futuro de uma ilusão (1927)*. In: _____. O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. *O mal-estar na civilização (1930)*. In: _____. O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos. v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- FREUD, Sigmund; EINSTEIN, Albert. *Por que a guerra? (1933)*. In: _____. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos. v. 22. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- GUERRA, A. M. C. *A lógica da clínica e a pesquisa em psicanálise: um estudo de caso*. Ágora, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 85-101, jan./jun. 2001.

Psicanálise E Residência Na Rua: Situando Lugares (Im)Possíveis

GUERRA, A. M. C.; GENEROSO, C. M. *Inserção social e habitação: modos dos portadores de transtornos mentais habitarem a vida na perspectiva psicanalítica*. **Rev. Latinoam. de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 12, n. 4, p. 714-730, dez. 2009.

GUERRA, A. M. C.; MARTINS, A. S. *Psicanálise e política: contribuições metodológicas*. **Revista Borrromeo**, Buenos Aires, n. 4, p. 90-111, 2013.

HANNS, L. A. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993

_____. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise (1959-1960)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____. *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise (1969-1970)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. *O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica (1949)*. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LEADER, Darian. *O que é loucura? Delírio e sanidade na vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.

MAIA, M. V. C. M.; PINHEIRO, N. B. B. *Um psicanalista fazendo Outra coisa: reflexões sobre setting na psicanálise extramuros*. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 31, n. 3, p. 656-667, 2011.

PAGOT, A. M. *O louco, a rua, a comunidade. As relações da cidade com a loucura em situação de rua*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2012.

QUINET, A. *Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

_____. *Os outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

ROSA, M. D. *A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica*. *Rev. Mal-estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. 4, n. 2, p. 329-348, set. 2004.

ROSA, M. D. et al. *A condição errante do desejo: os imigrantes, migrantes, refugiados e a prática psicanalítica clínico-política*. *Rev. Latinoam. de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 497-511, set. 2009.

ROSA, M. D.; CARIGNATO, T. T.; BERTA, S. L. *Ética e política: a psicanálise diante da realidade, dos ideais e das violências contemporâneos*. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 35-48, jan.-jun. 2006.

Talita Alcântara Fontenele e Silva e Henrique Riedel Nunes

ROSA, M. D.; POLI, M. C. *Experiência e linguagem como estratégias de resistência*. Psicologia & Sociedade, Belo Horizonte, v. 21, p. 5-12, 2009.

ROSA, M. D.; DOMINGUES, E. *O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação*. Psicologia & Sociedade, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 180-188, 2010.

SOARES, A. C.; BASTOS, A. *A errância: para além de um sintoma patológico*. Rev. Latinoam. de Psicopatologia Fundamental, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 452-464, set. 2016.

TATIT, I.; ROSA, M. D. *Para não dizer que Freud e Lacan não falaram da solidão*. Psicologia e Saúde, Campo Grande, v. 5, n. 2, p. 136-143, jul./dez. 2013.

TAVARES, L. A. T.; HASHIMOTO, F. *Musicalidade(s) e ressonâncias psíquicas: variações subjetivas e destinos à pulsão*. Rev. Latinoam. de Psicopatologia Fundamental, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 465-482, set. 2016.

Praça do Ferreira abriga 247 pessoas em situação de rua, diz prefeito. Diário do Nordeste, Fortaleza, 25 ago. 2017. Caderno Cidade. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/online/praca-do-ferreira-abriga-247-pessoas-em-situacao-de-rua-diz-prefeito-1.1810204>> Acesso em: 03 nov. 2017.

PSYCHOANALYSIS AND RESIDENCY ON THE STREETS: SITUATING (IM)POSSIBLE PLACES

ABSTRACT

This paper is based on the experience of the extension project of the residency combined with Health (RIS-ESP/CE) called "Residency on the Streets: Health, Culture and Art" ("Residência na Rua: Saúde, Cultura e Arte"), in which residents approach the homeless population of downtown Fortaleza/ CE during night hours. Given the scarcity of psychoanalytic research addressing this population, we ask ourselves about the implications of psychoanalysis in regards to working with the homeless population. Through a bibliographical review of psychoanalytic texts linked to the experience during the project, we sought to elucidate psychoanalyst's ways of acting together with the homeless population through artistic experiences. We emphasize psychoanalysis as an action based on an ethics of its own.

KEYWORDS: Psychoanalysis; Population in Situation of Street; Art; Mental health; Ethics of Psychoanalysis.

Talita Alcântara Fontenele e Silva e Henrique Riedel Nunes
**PSYCHANALYSE ET RÉSIDENCE DANS LA RUE: EN PLAÇANT
DES LIEUX (IM)POSSIBLES**

RÉSUMÉ

Cet écrit est apparu d'une expérience du projet d'extension de la résidence intégré dans la santé (residência integrada em saúde, RIS-ESP/CE) qui s'appelle « Résidence dans la Rue: Santé, Culture et Art », au les résidents font des rapports nocturnes avec la population de rue dans le centre-ville à Fortaleza/CE. En regard de la manque des œuvres psychanalytiques qui parle de cette population, nous nous demandons qu'est-ce que sont des implications de la Psychanalyse dehors-murs pour le travail avec la population de rue. Par des révisions bibliographiques de textes psychanalytiques ensemble à un rapport d'expérience du projet, nous cherchons élucider les modes de travail du psychanalyste avec la population dans le situation de rue et par les expériences artistiques. Nous renforçons la psychanalyse comment un travail sur la base d'une éthique qui lui est propre.

MOTS-CLÉS: Psycanalyse dehors-murs; Population dans le situation de rue; Art; Santé mentale; Éthique de la Psychanalyse.

Psicanálise E Residência Na Rua: Situando Lugares (Im)Possíveis

RECEBIDO EM 28-03-2019

APROVADO EM 25-10-2019

© 2019 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>
revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO
Memória, Subjetividade e Criação

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php